

A HISTÓRIA DA “CONSCIÊNCIA” AMBIENTAL

Nelson Choueri Junior

Mestrando do Departamento de Filosofia – UFRN

RESUMO

Consciência Ambiental é o nome de um projeto desenvolvido pelo autor na Petrobras, a partir de 1992, com o qual visava-se estimular o surgimento e o desenvolvimento de discussões sobre as questões ambientais, não apenas as relacionadas com petróleo, mas também essas, procurando relacioná-las com as questões políticas, econômicas e sociais, mostrando como todas elas se interligavam, tornando assim a compreensão da crise “ambiental” em que vivemos muito mais clara. A ferramenta principal do projeto era uma palestra, na qual era contada a história da alteração ambiental da terra antes e depois do surgimento do homem, e a evolução da consciência que desenvolvemos a respeito dessa transformação.

Em 1995, o projeto foi transformado em curso de extensão, ministrado na UNICAMP.

Neste texto mostraremos o “curso” dessas palestras e resumiremos seu conteúdo.

Palavras-chave: Consciência ambiental, ecologia, sustentabilidade, poluição

A palestra seguia uma linha cronológica crescente e era dividida em dois blocos. O primeiro iniciava-se em 1945, com as primeiras explosões nucleares sobre seres humanos: as bombas de Hiroshima e Nagasaki. Poucos anos depois dessas explosões, já estava bastante claro, não apenas para cientistas de todas as áreas, para políticos e intelectuais, mas também para o “homem da rua”, que a humanidade adquirira o poder de destruir a vida na terra a qualquer momento.

De fato, na década de 1950, a corrida armamentista promovida na chamada guerra fria, levou as duas principais potências militares do planeta a acumularem um fabuloso arsenal nuclear, cuja potência seria suficiente para destruir a vida na terra várias vezes, se isso fosse possível. Hoje sabemos que a possibilidade de destruição de toda a vida humana existente na terra não está relacionada apenas a uma guerra nuclear. Um eventual desaparecimento do homem poderá se dar também por meio da utilização de armas químicas e biológicas.

O arsenal norte-americano de guerra química bastaria para matar toda a população da Terra cinco mil vezes. O cálculo foi feito pela Associação Americana de Química e mostra o poder letal dessas armas – apenas alguns miligramas em contacto com a pele são suficientes para matar. (FSP, 1990:G-4)

Mas nossa existência como espécie, não está ameaçada apenas por eventos bélicos. A doutrina do desenvolvimento, que hoje domina praticamente todas as nações do planeta, sejam as do ocidente, ou as do oriente, poderá levar ao desaparecimento do homem por uma via “pacífica”.

Na atualidade, as perspectivas para o futuro da humanidade são extraordinariamente sombrias. Muito provavelmente ela cometerá um

suicídio rápido, porém de modo algum indolor, pelo uso de armas nucleares. Mesmo que tal não venha a ser o caso, está ameaçada de morte lenta por envenenamento e por outras formas de destruição total do meio ambiente, no qual e do qual ela vive. E mesmo que as suas ações cegas e incrivelmente tolas sejam contidas a tempo, ainda assim paira sobre ela a ameaça de serem paulatinamente anuladas e retiradas todas aquelas características e realizações intelectuais e emocionais que são especificamente humanas, que distinguem as pessoas, seres humanos, dos demais seres vivos. Muitos pensadores já notaram esse fato, e muitos livros contêm já claramente o reconhecimento de que o extermínio do meio ambiente e a “decadência” da cultura caminham juntas, passo a passo. (LORENZ, 1986).

Na década de 1960, diversos grupos sociais levantaram-e contra a doutrina de desenvolvimento adotada pelo mundo no pós-guerra, doutrina essa caracterizada pela imposição de políticas imperialistas dos países ditos “centrais” sobre os demais. Culturalmente, a doutrina imposta ao ocidente era caracterizada pelo *american way of life*. Na economia, os países pobres desempenhavam o papel de fornecedores de matéria-prima, enquanto os países centrais produziam manufaturados.

Naquele tempo uma infinidade de movimentos sociais lutavam por causas específicas e alguns chegaram a levar governos centrais a verdadeiros impasses. Nos EUA, negros, índios, mulheres e homossexuais foram às ruas lutar por seus direitos, os quais não eram contemplados pelo sistema. Na Europa, igualmente, operários e estudantes foram às ruas. Paris em 1968 ficou em chamas, sitiada que estava pelos estudantes, que não podiam ser contidos pelas forças oficiais. Houve um claro movimento no sentido de se libertar inúmeras colônias européias.

Movimentos pacifistas surgiram nessa época, e um deles foi notável pela herança cultural que legou à humanidade. Esses eram os hippies, que surgiram nos EUA ainda nos anos 1950, e que protestavam pacificamente contra o modo de vida imposto pelos governantes norte-americanos à juventude daquele país. Basicamente os jovens perceberam que logo após sair da Segunda Guerra, seu país fez a Guerra na Coreia; e poucos anos depois, a do Vietnã.

A questão, para os jovens, estava colocada assim: “os governantes decidem, e nós vamos para a guerra”. E isso parecia não ter fim. Era uma opção que parecia eterna. Além disso, milhares desses jovens foram utilizados como cobaias humanas em testes nucleares realizados pelos Estados Unidos. A foto abaixo fala por si. Ela ilustrou uma reportagem de autoria da CBS NEWS, a qual trata da questão da luta jurídica dos veteranos que participaram como cobaias de uma daquelas experiências em 1951.



Soldados do Exército norte-americano assistem o teste de uma explosão nuclear no deserto de Nevada em 1o. de novembro de 1951 (CBS, 2003)

Por essas e outras razões, muitos adolescentes norte-americanos abdicaram de todo o conforto e opulência que o sistema lhes oferecia, para tentar viver à margem do mesmo, e criar uma cultura própria.

Além da paz, tais jovens preconizavam um retorno a uma “vida natural” em oposição ao artificialismo que grassava por todas as áreas da vida norte-americana. Por exemplo, pregavam uma alimentação natural e livre de agrotóxicos, em oposição aos alimentos enlatados e produzidos sob intensa aplicação de venenos.

Essa percepção dos hippies de que era imperativo voltar atrás em algumas “conquistas” da ciência, acabou sendo encampada por cientistas, e depois por políticos em diversos países. Com isso, na década de 1970, países como os EUA, o Japão e muitos dos europeus, iniciaram movimentos oficiais em direção ao desenvolvimento de uma visão ambiental, e com isso, vários deles criaram seu ministérios de meio ambiente, partidos verdes, e outras instituições de cunho exclusivamente ambiental.

O Brasil entrou definitivamente nessa nova era do pensamento político, apenas a partir de 1985, quando o regime militar teve seu fim.

O primeiro bloco da palestra se encerrava com uma análise da trajetória da consciência ambiental no Brasil, sobretudo após a metade da década de 1980.

O segundo bloco da palestra

O segundo bloco iniciava-se com discussões sobre a formação do universo, o aparecimento da terra, e o surgimento da vida. Pessoas com culturas criacionistas eram estimuladas a também apresentarem suas visões sobre o problema, e as discussões prosseguiam até o ponto do aparecimento do homem, por volta de 4 milhões de anos atrás.

A partir daí, a história do homem era revisitada com um permanentemente atento “olhar ambiental”. Tratava-se de questões como a da descoberta do fogo, da invenção da agricultura, e do desenvolvimento da escrita. Cada evento como esses, concluía-se, aumentava as possibilidades de sobrevivência do homem, ao mesmo tempo em que intensificava sua demanda em relação ao que a terra dava. Esse processo de intensificação de demandas prossegue até os dias atuais de forma cada vez mais veloz, e

a tensão entre “melhoria” das possibilidades humanas e capacidade da terra de atender às demandas está atingindo limites insuportáveis.

O período que se inicia no final do século XVII era analisado com mais detalhes, pois foi a partir da Revolução Industrial que passamos a “esgotar” as possibilidades da terra em vários setores. Dessa forma chegávamos de novo ao ano do final da guerra, e a palestra se encerrava. Era claro o propósito de se iniciar e encerrar a palestra *naquele ano*, criando uma ligação na linha do tempo em 1945, com o intuito de enfatizar a inauguração da era atômica como a era do surgimento, no homem, da consciência de ser portador do poder de se auto-destruir.

Essas palestras representaram interessantes experiências para muitas pessoas que, mesmo anos depois de terem passado por elas, ainda mencionavam as transformações que se operaram em suas formas de perceber a realidade. Dentre essas pessoas, o próprio autor.

BIBLIOGRAFIA

REPORTAGEM LOCAL. Sistema nervoso é o maior alvo de armas químicas. **Folha de São Paulo**. Edição de 17 de agosto de 1990.

LORENZ, Konrad. **A demolição do homem**. Tradução Horst Wertig. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

Vets Radiation Exposure Misjudged. **CBS NEWS**. 08 de maio de 2003. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2003/05/08/health/main552940.shtml>
Acessado em 12.12.2008.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

FOX, M.W. **Bringing Life to Ethics – Global Bioethics for a Humane Society**. Albany: State University of New York Press, 2001.

LUTZEMBERGER, José. **Gaia – O Planeta Vivo**. Porto Alegre: L&PM, 1990.

LUTZEMBERGER, José. **Manual de Ecologia – do Jardim ao Poder**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

MACHADO, P.A.L. **Direito Ambiental Brasileiro**. São Paulo: Malheiros Editores Ltda., 2002.

SINGER, Peter. **Practical Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SINGER, Peter. **One World: The Ethics of Globalization**. New Haven: Yale University Press, 2004.

SINGER, Peter. **Animal Liberation**. New York: Harper Perennial, 2001.

CONTI, Laura. **Ecologia Capital Trabalho e Ambiente**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

SMITH, Pamella. **Environmental Ethics?** New Jersey: Paulist Press, 1997.

ELLIOT, Robert (org.). **Environmental Ethics**. New York: Oxford University Press, 1998.

LOVELOCK, James E. **Gaia: A New Look at Life on Earth**. New York: Oxford University Press, 1979.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar – Ética do Humano – Compaixão pela Terra**
Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

AB'SABER, A. N. **Escritos Ecológicos**. São Paulo: Lazuli, 2006.

CLARKE, Robin. **Guerra Silenciosa**. Do original em inglês "We All Fall Down". Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora em co-edição com Editora Laudes, 1970.